A Aula da Vontade

Pretendemos fazer um resumo de tudo que foi visto até agora em virtude das notas abaixo do esperado. Por que um aluno inteligente pode falhar? Por que há mau aproveitamento nos estudos? A educação moderna está centrada no professor e não no aluno, os livros de pedagogia são dirigidos aos professores. O livro de Hugo de São Vitor, que é um livro de pedagogia escrito no século XII, e é dirigido ao estudante, constitui uma exceção. O problema pedagógico é inteiramente colocado na mão do professor como se tal problema fosse de sua responsabilidade.

Porém, na medida em que entendemos que o **aprendizado exige esforço de quem aprende, pressupõe uma mudança em sua personalidade e que o compromete por inteiro**, podemos compreender que a parte ativa no processo de aprendizagem é do aluno e não do professor, mesmo porque este não se transforma ao ensinar, nem se compromete. Ao ensinar, ele está repetindo o que já conhece.

O aprendizado não existe sem uma transformação do aluno. **A auto-transformação planejada e deliberada é, ao mesmo tempo, o traço humano mais importante e mais difícil de empreender**. O homem é o único animal que pode estabelecer uma meta com relação ao que quer ser, ainda que esta meta não lhe seja muito clara, cujos componentes lhe são conhecidos de maneira esquemática e longínqua, e agir coerentemente em direção a ela. É um milagre da inteligência que se explica da mesma maneira que nós podemos fazer cálculos algébricos - cálculos com valores desconhecidos. Quando se substitui os valores por letras, mantém-se somente a esquemática do cálculo - a álgebra é só forma do cálculo, sem conteúdo.

Na conduta da vida, muitas vezes, temos que nos orientar por planos e metas concebidos só por sua forma.

Raros alunos dão-se conta de que o aprender é exatamente isso: como é que ficaremos quando aprendermos algo que não sabemos ainda? Ora, se não sabemos, como é que poderíamos nos encaminhar em direção a isto? Como aquilo que não conhecemos ainda pode nos servir de orientação? É uma posição do espírito humano extremamente incômoda, e é justamente esta posição que se denomina aprender.

O aprender é algo que, a rigor, seria impossível se o homem não tivesse capacidade de operar com grandezas desconhecidas e de orientar somente por forma entrevistas, sem ter idéia precisa de para onde vai. Cada um de nós, ao aprender, está na posição de Cristóvão Colombo que supunha que em algum lugar na direção que seguisse deveria ter alguma coisa. E é na direção desta coisa que ele foi. É certo que ele não sabia o que exatamente estava procurando, mas ele estava convicto de que algo havia.

Este é o primeiro elemento do aprendizado: concebermos que existe algo, que possa existir um traço de personalidade que nós, concebendo-o direito, desejamos incorporar.

Se o sujeito não tem esta meta, este esquema, não vai aprender de jeito nenhum, por mais inteligente que seja.

É um engano terrível achar que o aprendizado é um ato só da inteligência. Inteligência é a capacidade de você compreender a unidade sob a diversidade do real e, ao mesmo tempo, distinguir a diversidade dentro da unidade. A inteligência revela-se no ato da compreensão.

Quando exibido um programa, o indivíduo o entende. Ele é capaz de captar formas e esquemas, por trás da realidade; é capaz de estabelecer conexões lógicas e analógicas - isso que é inteligência.

Porém o indivíduo pode ser perfeitamente inteligente e só ser capaz de colocar essa faculdade em ação quando algum estímulo externo

lhe coloca um problema, quando uma situação prática o aperta, enfim, quando é necessário.

O inteligir ou entender é uma situação simultânea, momentânea, que fazemos em um segundo. Quando alguém diz algo, inteligimos ou não, entendemos ou não. **O aprender não é isto - o aprender é uma ação que se prolonga no tempo e implica uma multidão de atos voluntários de inteligência. Depende muito mais da vontade do que da inteligência.**

Não podemos confundir o aprender, o entender ou inteligir da mesma forma que não se pode, no caso de uma guerra, prever a vitória de um dos lados somente pelo seu potencial de fogo, pois fazer uma guerra não é a mesma coisa que possuir uma grande quantidade de canhões, mas sim colocá-los em ação numa seqüência temporal e numa correta distribuição geográfica.

O aluno brasileiro, no depoimento de todos os professores estrangeiros que lecionaram aqui, de quaisquer disciplinas, é um dos mais inteligentes do mundo. Entende facilmente o que escuta. Mas. no momento seguinte, esquece-se de tudo. Compreende mas não retém.

A inteligência dele funciona como um fósforo que acende e apaga logo. Não é uma inteligência capaz de se por em ação contínua e metódica. Por que isso? Porque o que ele está ouvindo não tinha importância pessoal para ele. O sujeito, ao inteligir, colocou em ação a inteligência propriamente dita e o sentimento, porém, não colocou a vontade. Quando o aluno assim procede, o aprendizado deixa de ser ação e passa a ser paixão - foi algo que lhe aconteceu (paixão é o substantivo que corresponde ao verbo padecer).

Podemos concluir o raciocínio dos professores estrangeiros: o brasileiro não tem vontade, não sabe o que é decidir e fazer, deliberar e agir segundo o que deliberou e, em geral, é levado pelo

que está acontecendo no momento - impressiona-se favorável ou desfavoravelmente conforme o que está acontecendo e se deixa levar por esses fatos.

A comunidade brasileira, de modo geral, não é capaz de fazer planos. Quando faz esquece- os logo ou os muda a toda hora. O indivíduo brasileiro naturalmente ressente-se disso: se mudamos de planos a toda hora, se mudamos a direção de nossa vida a todo momento evidentemente não chegaremos a lugar algum.

Se verificarmos em toda a história brasileira, são raras as ações coletivas empreendidas metodicamente em direção a um fim. O brasileiro é um povo esforçado e trabalhador, mas é regrado apenas pela disciplina diária, cumpre horários e regulamentos mas não tem objetivo a atingir dentro de dois, três ou quatro anos. Existe uma fragmentação dos esforços os quais são colocados em muitas direções ao mesmo tempo ou as decisões tomadas são logo esquecidas e substituídas por outras. Esse problema de dispersão generalizada é uma das grandes causas do mau aproveitamento nos estudos - revela-se com outras causas, em dificuldades demonstradas pelo aluno no processo de aprendizado.

Todas essas dificuldades que são de proveniência social, não serão consertadas pela sociedade e quando padecemos as conseqüências disso seremos nós mesmos que deveremos tomar as providências cabíveis. Teremos que reconhecer nossas debilidades e empreender a reação; e se, caracterologicamente, a coisa piora (por sermos do tipo amorfo ou nervoso), então as tendências dispersantes da sociedade multiplicar-se-ão pelas nossas tendências pessoais. Mais tarde, quando estudarmos a astrocaracterologia propriamente dita, teremos uma visão mais clara da dinâmica interna do indivíduo e porque em certas circunstâncias pode ficar impossível uma coordenação da personalidade do indivíduo para obter um determinado resultado - é

preciso que se desenvolva uma estratégia muito complexa nesses casos.

De modo geral, fica difícil neste meio as pessoas entenderem o que significa vontade. O verbo em português, equivalente a vontade, parece ter se perdido por falta de uso, designando assim que o povo português não está acostumado a precisar desta palavra. Os atos de vontade tornam-se raros e acabam confundindo-se com o querer, com o desejar.

A língua não é algo que exista em si; vem de uma língua mais antiga, transformada pelo uso - transformada no sentido de que algumas coisas são acrescentadas, outras alteradas e outras simplesmente suprimidas. Entre as que foram suprimidas no nosso português está o nosso equivalente do “will” em inglês que significa ter vontade propriamente dita e não se confunde com “wish” que significa desejar. A origem disto tudo é muito remota e podemos procurá-la na psicologia do povo português.

Um dos mais belos retratos da psicologia portuguesa foi feito por um filósofo chamado Herman Von Kaisen que, contrastando o português com o espanhol disse o seguinte: o espanhol é um bloco - a personalidade dele é toda talhada como se fosse uma tropa de cavalos que corre numa só direção. Isto vai dar uma das características mais proeminentes no espanhol que é o fanatismo - se ele é comunista ou anarquista, tem que matar todos os padres; se é padre ou católico tem que matar todos os comunistas e ateus. O português é sempre um tipo composto; aquelas possibilidades que o espanhol seleciona para ficar com uma só, o português deseja ter todas ao mesmo tempo. Ele deseja ser católico e anarquista ao mesmo tempo e evidentemente esta síntese só é possível a nível imaginativo. Um dos traços proeminentes da psicologia portuguesa é o desejo de harmonia universal. Uma saudade do Jardim do Éden, do tempo em que o lobo e o cordeiro eram amigos.

Saudade é o amor a algo que nos falta - aquilo que nos falta não faz parte de nós, mas, na medida em que amamos, começa a fazer parte. A pessoa de quem você tem saudade está presente na sua vida, permanentemente, sob a forma de um buraco, de uma falta, de uma ausência.

Esta saudade, esta melancolia, que é característica do português e que verificamos facilmente ouvindo a música popular portuguesa - a qual aliás chama-se Fado, que quer dizer “feito” - expressa o fato de que o destino me separou de alguma coisa amada. Isto pode ser interpretado tanto no sentido material quanto no sentido espiritual - uma espécie de saudade cósmica. No mundo onde vivemos, os bens e os valores são divididos e você, às vezes, tem que optar por uma coisa e desistir de outra igualmente boa - existe o choque de valores. Por exemplo, o belo e o bom. Nem tudo que é belo é honesto e nem tudo que é honesto é belo.

O paraíso era um lugar onde os valores estavam sempre em harmonia, onde não era preciso fazer escolhas dilacerantes. O mundo da realidade, do Fado, é o mundo que divide o homem e na hora que divide, ou ele opta por uma valor e se separa de outro dolorosamente, ou então ele tenta restaurar esta harmonia primordial. Mas esta harmonia só é restaurável ao nível da imaginação.

Se opto por ser honesto, terei de desistir de várias coisas boas e belas. A riqueza é um bem, mas nem toda riqueza é honesta, assim como nem toda pessoa bela é boa. Assim, o português tem na sua psicologia coletiva, na sua música, na sua cultura, na sua expressão literária, nos seus modos de ser, nos seus comportamentos sociais e políticos, este traço de nostalgia, este desejo de reunir no plano da realidade coisas que só são reuníveis no mundo ideal, no mundo platônico das idéias. Isso é que explica que ao mesmo tempo ele fosse capaz de desejar cristianizar povos da África e da Ásia, sobre os quais, no mesmo instante, cometia as

maiores atrocidades. Afonso de Albuquerque, quando desembarcou na Ásia, sua primeira providência foi mandar cortar dois mil narizes e depois disso ver se as pessoas desejavam dialogar. Por outro lado, a sinceridade do intuito catequético desses indivíduos é evidente quando estudamos a história. Eles simplesmente não enxergavam a contradição. Este desejo de reunir o impossível transmitiu-se ao povo brasileiro e continua sendo reafirmado geração após geração.

Nós observamos isso, tanto no comportamento político brasileiro, quanto nas pequenas ações do indivíduo. O indivíduo não escapa da psicologia coletiva - ele a segue, a não ser na medida em que ele conscientiza um determinado traço e, voluntariamente, opõe-se a esse traço.

É evidente que um ser todo composto não tem o ato da vontade. A vontade é sempre uma escolha e a escolha implica sempre uma perda. Às vezes, uma perda momentânea, visando uma recuperação futura daquele bem que foi abandonado, como um jogo onde entregamos uma peça ao adversário para podermos tirar uma peça mais importante. Mas se não desejamos sacrificar peça alguma, então simplesmente não jogamos.

Por perceber que as pessoas não entendiam o que se quer dizer por vontade que resolvemos investigar estas questões, ou seja, não concebiam a vontade como um ato espiritual, como um ato da inteligência, mas concebiam a vontade como um desejo.

Para colocar-se o desejo em ação é necessário que você lhe mostre - ao brasileiro - e que este objeto já surja agradável no mesmo instante. Ao passo que a vontade é perfeitamente capaz de fazer algo desagradável. O desejo diz respeito à motivação do indivíduo, mas ele, por si próprio, não gera a vontade. A vontade é decisão. Quanto mais desejo o indivíduo necessita para decidir, menos força de vontade ele tem. Quanto mais motivado o indivíduo tem de ser para agir, mais fraca é a vontade nele. Quando a nossa

vontade só consegue se mobilizar pela exibição de um objeto desejável, então, certamente, nossa vontade está falhando.

O que é vontade? É sobretudo a capacidade de decidir. Pode haver o desejo sem decisão. O desejo pode ser passivo, a vontade nunca. A vontade é ativa a partir do momento onde existe. As coisas com que a vontade pode se confundir são, de um lado o desejo e de outro a imaginação, que é a decisão simplesmente imaginada - o sujeito imagina que decidiu tal ou qual coisa, mas se no momento seguinte ele esquece, então não decidiu verdadeiramente - ele desejaria decidir.

É bom que se compare tudo isso com as dificuldades pessoais de cada um de nós, pois em alguns casos, o descrito retrata o sujeito. Existem pessoas que jamais tiveram um ato de vontade durante quarenta ou cinqüenta anos e que, no entanto, às vezes são pessoas capazes - nem sempre o indivíduo destituído de vontade é um fracasso na vida. Pode coincidir de as circunstâncias lhe serem favoráveis, de ele não ter que colocar a vontade em jogo. Por exemplo, para você seguir as preferências do seu meio, do seu ambiente, você não precisa ter vontade. É como um pato n'água - ele fica parado e a água o leva - imperceptivelmente ele vai indo para frente. Apenas para ir na direção contrária é que ele precisaria ter um ato de vontade. **A proeminência da faculdade da vontade no indivíduo vê-se pela sua capacidade de moldar o ambiente de acordo com a sua decisão**; pela sua capacidade de explorar os pequenos recursos que o ambiente lhe ofereça para chegar ao que ele quer. **Como nós aplicamos esta vontade ao aprender, nós entendemos que a vontade de aprender é a vontade de transformar-se**.

Para que o indivíduo possa ter vontade de aprender é necessário que algo ele já tenha compreendido. **Uma certa intelecção, uma certa intuição do objeto de aprendizado é uma condição necessária para que haja aprendizado**. Compreender algo que foi

dito ou algo do que está lendo e ter uma impressão de veracidade daquilo é uma condição primeira para o ato de aprender. Porém o que acontece na quase totalidade dos casos? Os indivíduos confundem esta intuição inicial com o próprio aprendizado. É como quando se vai a um restaurante e o garçom nos mostra o cardápio. Algo das comidas já sabemos, algum conhecimento já temos, ou seja, precisamos ter assimilado algo; pelo menos o nome ou a fotografia das comidas precisa evocar- nos alguma coisa, dar-nos uma antevisão de sensações corporais. Entre isto e o ato de comer existe uma distância. A maior parte dos alunos procede como se ler o cardápio fosse suficiente para se alimentar. Entender o que se ouve na hora em que é dito é uma condição inicial para desejarmos aprender, mas não é aprender ainda. É apenas sinal de que se tem a possibilidade de aprender, porque se na hora que se diz algo o sujeito não entende nada, então o aprendizado simplesmente não é possível, pois falta o objeto do aprendizado. No entanto, se compreendermos na hora em que foi dito, isso significa que temos aptidão, estamos capazes para o aprendizado. Mas a aptidão que a mulher tem, logo após a puberdade, para ser mãe, não a engravida. A aptidão não age, não tem por si a capacidade de se colocar em movimento. É como uma reserva passiva; é como um dinheiro que se tem no banco e que para ser sacado é preciso que haja um ato (no mínimo a assinatura de um cheque).

O estudo da vontade é um dos elementos fundamentais da astrocaracterologia, embora, no momento, nosso maior interesse seja o aspecto prático, isto é, perguntar por que não estamos aprendendo o quanto deveríamos ou quanto temos capacidade? A resposta é simples: é porque não quisemos, embora quiséssemos no sentido de desejar, mas não quiséramos no sentido do ato de vontade - do ato de mobilizar sistematicamente a nossa capacidade em direção a um fim, no sentido de iniciar uma transformação de

nós mesmos com vistas a um objetivo mais ou menos definido de antemão.

O ato de vontade seria impossível se nós não nos perguntássemos: como estará a situação uma vez realizado o ato - o que desejamos transformar, mudar; que conseqüências desejamos desencadear, tanto em nós mesmos quanto no meio circundante? E, se se trata de um aprendizado, de uma auto-transformação, a pergunta é: como é que desejamos estar no fim deste aprendizado? Se o sujeito não tem uma idéia clara disto, certamente não vai aprender nada, embora possa inteligir muita coisa. **O aprendizado é aquilo que vai buscar o objeto, exibi-lo à inteligência, o que exige da inteligência uma certa ação e também dirige a inteligência durante um certo tempo.** Por exemplo, se estamos lendo um livro e percebemos um mosquitinho, não se pode negar que foi nossa inteligência que percebeu o mosquito. Mas, o aprendizado se distingue por ser uma aplicação da inteligência a um determinado objeto definido, durante um certo tempo, e não a quaisquer objetos aleatórios que compareçam à nossa frente.

Será que concebemos exatamente como desejaríamos estar ao fim deste curso? Se não concebemos não haverá aprendizado por mais inteligentes que sejamos. Com o conhecimento que nos é proposto e que só conhecemos esquematicamente, pelo enunciado vago de um programa, em que este conhecimento deveria nos afetar? Vendo a lista de itens podemos nos perguntar: se soubéssemos todas essas coisas, em que nós nos tornaríamos diferentes, para melhor ou para pior? Se soubéssemos tudo isso, plenamente, de maneira que a qualquer momento tivéssemos esse repertório à nossa disposição, e com a mesma evidência que sabemos nosso próprio nome e endereço, como é que seríamos? Evidentemente os alunos que demonstraram mau desempenho na prova, não fizeram isto, caso contrário o aprendizado estaria sendo melhor, pois estaria sendo muito dirigido. O aluno intelige as coisas, na hora em que lhe

é falado, conforme sua maior ou menor capacidade, mas aquilo não é incorporado, não começa a fazer parte de sua personalidade. É uma informação que entrou e que sem provocar grandes alterações, exceto momentâneas, vai embora.

Isto tudo é muito natural nos estudos realizados a nível de primeiro grau, a nível de ginásio, pois vamos para o ginásio sem objetivo pré-determinado. O aluno não tem a menor idéia do que pode estar fazendo numa sala de aula de um curso ginasial.

A multiplicidade disciplinar exagerada que existe no ginásio impede o aprendizado, e essa dispersão representa um sistema anárquico e insuficiente em cada parte que se apresenta para promover qualquer transformação no sujeito, num sentido planejado.

A adaptação ao meio não pode ser confundida com o aprendizado, pois a primeira se parece mais com o processo de amestragem.

Existe o aprendizado que provoca uma mudança intelectual no sujeito e existe o aprendizado necessário para adaptá-lo ao meio. Este é o único efeito obtido pela escola. A escola socializa o indivíduo e não se distingue da amestragem de um bicho. Esta socialização é, por sua vez, de dois tipos: **a) Socialização do comportamento**: aprendemos a cumprir horário, aprendemos que existe chefe, aprendemos a cumprir regulamentos e, mais ou menos, aos trancos e barrancos, adaptamo-nos a isso tudo, porém, jamais perfeitamente Por ser um aprendizado passivo é um aprendizado repetitivo; então o indivíduo só é capaz de fazer exatamente o que os outros fazem. Não é uma adaptação inteligente.

b) Socialização intelectual: o indivíduo quer aprender em certas circunstâncias, a demonstrar certos conhecimentos - mas só sabe usá-los naquelas circunstâncias - particularmente na circunstância de busca de emprego.

O que é aprendido na escola não é aprendido como instrumento, mas sim como introjeção de comportamentos, portanto só pode ser usado repetitivamente.

Aprendizado se dá quando dominamos a informação, sabemos onde colocá-la e sabemos usá-la na hora em que aparece. No Brasil praticamente não existe ensino.

A dissertação francesa é o texto que o aluno tem que escrever para obter seu diploma de secundário, o que, para doutores brasileiros, é tarefa muito difícil. Se nós compararmos nosso aprendizado com o nível das outras pessoas que convivemos, acharemos que o aprendizado ocorreu.

De modo geral, existe uma deficiência geral da vontade como fato cultural do nosso meio e, por outro lado, o povo brasileiro é altamente excitável no sentido intelectual. É fácil captar sua atenção. No instante que lhe propomos um aprendizado a sua inteligência se excita e funciona, mas só naquele momento. A inteligência demonstra-se excitada pelo interesse demonstrado. O interesse manifesta-se ou pela concordância que o sujeito tem - ele sente que o que você está falando é verdadeiro ou importante, mas sente sem ter examinado se aquilo é de fato importante ou verdadeiro; ou manifesta-se pela discordância, pelo espírito polêmico. Mas nada disso é aprendizado. **O aprendizado é uma assimilação**. Assimilação é tornar semelhante a si próprio um conteúdo que veio de fora. Tornar semelhante significa coloca-lo em algum órgão, em algum lugar da sua personalidade onde aquilo terá um peso e uma função.

Nem toda arte tem peso intelectual. Veja-se a arte da cirurgia, onde é necessário que o cirurgião exiba habilidade e destreza manual simplesmente.

Nenhum conhecimento que possa permanecer à margem da personalidade do indivíduo e desenvolvido como uma habilidade secundária é verdadeiro conhecimento.

Jogar xadrez ou ping-pong são habilidades que podem conviver com a ignorância total em todos os outros setores mas nada significa como conhecimento. Conhecimento é aquilo que é assimilado, que começa a fazer parte da personalidade inteira do indivíduo.

Se um aluno, que após bem definir o bicho-de-pé e seus males, for visto andando descalço num lugar onde ciscam as galinhas, esse aluno não aprendeu o que é bicho-de-pé e seus males, pois a informação que recebeu não alterou seu comportamento, no conjunto não teve peso. O indivíduo não se lembrou de associar o que foi aprendido na escola com o que ele está vendo; e se ele não associa então ele não está inteligindo; então ele não entendeu direito.

Existem dois tipos de conhecimento: o intuitivo e o lógico-racional. O intuitivo é feito de fatos e o lógico é feito de deduções feitas sobre os fatos. A maior parte dos brasileiros conhece poucos fatos mas faz um milhão de deduções colocadas na esfera do possível. O que nos interessa não é saber causas, mas conhecer fatos e sua significação e amplitude. Muitas vezes se nota uma tendência no aluno de, dado um pequeno fato, tirar um milhão de conclusões e após muito raciocinar não chegar a lugar nenhum. É necessário que se aprenda a captar o fato e isso não acontece em função de uma excitação da inteligência que se faz de forma intensa e momentânea.

A importância de se observar um fato, profunda e intensamente, e por longo período, é a única maneira de se conhecer algo sobre esse fato. É necessário que se registre o fato na memória para depois usá-lo como elemento do momento do raciocínio, na utilização da faculdade da razão: pois pensar,

raciocinar, todos sabem. A lógica está embutida na nossa própria constituição. Todos temos aptidão para pensar logicamente. Raramente nossos erros são sofismas ou silogismos inadequados e erramos simplesmente por não sabermos a respeito do que estamos raciocinando, por termos feito um exame do fato, do **o quê**, por muito pouco tempo.

É preciso prestar atenção no fato. Um pouco de pensamento e muito de observação está ótimo. Pouco fato e muita lógica formal é o que retrata o tipo de aprendizado do aluno brasileiro.

A maior parte das pessoas perante as coisas se preocupa mais em saber se elas são verdadeiras ou falsas do que saber as suas causas. Um preceito desse curso é saber primeiro o quê e depois o porquê.

O que é que conhecemos realmente? Um conhecimento que nós temos pode ser certo, provável, uma opinião, uma conjectura, ignorância ou nescidade. Certeza é, por exemplo, nosso nome e endereço; probabilidade seria nossa ascendência (quem são nossos pais e avós); opinião é quando defendemos um dos lados; conjectura é quando algo pode ser desta, daquela ou de várias outras formas; ignorância é quando apenas se imagina a respeito do objeto em estudo e nescidade está abaixo da ignorância, quando nem ao menos se imagina algo a respeito do objeto em estudo.

Comecemos por classificar os nossos conhecimentos. De tudo o que aprendemos no ginásio, na faculdade, na vida, o que é que temos certeza? O que é provável? Onde temos uma opinião? **Pois se não sabemos qual é o valor de cada um de nossos conhecimentos então nada sabemos a respeito deles**. Se não sabemos julgar nossos próprios conhecimentos, não sabemos julgar os dos outros. E quanto vale a opinião do indivíduo que não sabe avaliar o próprio conhecimento? Nada.

Os graus de certeza do conhecimento adquirido deveriam ser ensinados logo no ginásio.

Os professores deveriam informar ao aluno o grau de certeza do que ensinam. Assim, ao ensinar dois mais dois é igual a quatro, o professor deveria avisar que isto é absolutamente certo, e que Cristóvão Colombo ao se dirigir à América teria tido uma visão imprecisa do que iria descobrir do outro lado, tratando-se isto de algo provável, o que iria descobrir, e não de algo certo.

É muito difícil qualquer certeza a respeito de qualquer coisa? Se não conseguimos ter certeza de nada, como poderemos ter dúvida de algo? É mais fácil termos certeza do que termos dúvida. Dizer que nada é certo e tudo é relativo chega a ser uma afirmação incoerente, pois nesse caso não se poderia perceber o próprio relativismo. A dúvida é uma subfunção da certeza. Por ter aptidão da certeza que o sujeito levanta a dúvida.

A inteligência humana tem aptidão para a certeza, mesmo que não possua nenhum conhecimento certo.

O estado subjetivo da dúvida, o sentimento de dúvida não é uma postura da inteligência e nos referimos a certeza e dúvida intelectuais, porque o indivíduo pode ter um sentimento de dúvida diante da mais evidente verdade tal como a própria identidade ou que dois mais dois é igual a quatro. Existe a dúvida intelectual e a dúvida afetiva. Podemos ter dúvida afetiva de coisas que intelectualmente não temos a menor dúvida. A dúvida afetiva é patológica e não tem relevância intelectual. Nesse caso a afetividade do indivíduo estará dominando sua inteligência como se fosse uma divisão da própria personalidade e é o que acontece com a maior parte das pessoas. A imaginação e o sentimento vão num sentido e a inteligência vai noutro, e o indivíduo acredita mais no sentimento por ser uma tendência natural do ser humano. O nosso subconsciente não distingue entre o real e o irreal. Uma imagem, qualquer que seja, provoca o sentimento correspondente. Para a

imaginação não existe real nem irreal, só existe a imagem e o sentimento correspondente, ou seja, qualquer coisa que você imagine, você a sente como real.

Grande parte do pretenso relativismo de hoje, não passa de um estado afetivo, sem a menor relevância intelectual e que as pessoas defendem sem acreditar. Não existe relativista absoluto, nunca existiu, nem nunca vai existir; mas alguém pode fingir que é, se sentir como se fosse.

Efetivamente, realmente, temos dúvida sobre tudo? Ao deparar-nos com algumas certezas, pelo menos nossa identidade e endereço, veremos derrubada a tese do relativismo total.

Na ausência de um critério de julgamento para saber o que é certeza, o que é provável e o que é duvidoso, a confusão se generaliza e, ou tudo vira certeza, ou tudo vira dúvida. Neste estado, o sujeito nada pode ensinar honestamente.

Não é lícito o ensino que não explicita o grau de certeza do conteúdo informado. A declaração do grau de certeza é fundamental no ensino.

Estamos tratando de questões em parte filosóficas e em parte científicas, onde se pretende chegar ao grau de certeza máxima possível, porém o nosso interesse não é tanto a ciência em si, mas o seu aprendizado em torno do qual tanto falamos.

Recapitulando: a intelecção inicial que temos quando ouvimos ou quando lemos não é aprendizado. Aprendizado é quando a informação é assimilada, isto é, colocada dentro do todo da personalidade, com um lugar, um valor determinado e uma função. Se não tem lugar ou função então não está assimilado.

Se houve esta intelecção inicial existe possibilidade de assimilar. Primeiro, é necessário julgar a informação para dar um valor quanto ao grau de certeza, utilidade, enfim, dar-lhe um peso. Segundo deixar esse conhecimento num lugar onde possamos usá-lo, ou

seja, no começo tentaremos usá-lo para um monte de coisas para as quais não serve e, aos poucos, iremos vendo qual é o âmbito de sua aplicação.

Aí começa efetivamente o aprendizado. Este, se dirige pela perspectiva de transformação que será causada. Geralmente a transformação que o aluno da universidade espera é antes uma transformação social e não de sua personalidade, na medida em que visa seu aprimoramento profissional e a conquista de um novo lugar na sociedade. A escola, como meio de ascensão social, só vigora no Brasil. A idéia de que o ensino abre portas ao acesso às classes superiores só é conservada neste país. O ensino de nível superior é, em outros países, muito caro e inacessível, só possível, na maioria das vezes, com o subsídio e manutenção de bolsas de estudo financiadas por empresas ou pelo governo. Não garante, pois, por si só, nenhum tipo de ascensão social.

Caminha-se de fato para uma situação muito mais democrática onde o estudo tenderá a ser muito mais vocacional que meio de ascensão social, mesmo porque a ascensão social é limitada. Não basta um título para, como no Brasil, se experimentar variações de ganho financeiro da ordem de até oitenta ou cem vezes maior. Na União Soviética, todos são bacharéis, mas não há emprego para todos.

A finalidade do aprendizado deve ser concebida em termos de qual alteração desejamos provocar em nós mesmos, e é importante a visualização desta alteração, ainda de que maneira imperfeita. Se não temos uma idéia precisa de qual é a transformação pela qual desejamos passar, de como desejamos estar ao fim do aprendizado, não há meio de conduzir o aprendizado. Como o aprendizado é um ato de vontade, é um ato deliberado onde o aluno está no comando (e não o professor), é preciso que ele conheça a direção a seguir, pois é ele quem está no leme. Ainda que só tivéssemos uma idéia vaga a qual iria se

aperfeiçoando e se realizando, tornando-se real. Para realizar-se é preciso que tal transformação exista idealmente, isto é, exista ao menos como idéia. Tem coisa que sabemos o que é mas não sabemos fazer. Podemos aprender. Mas é impossível fazer algo que não se sabe o que é.

Sapientiam Autem Non Vincit Malitia Que perfeições pensamos adquirir por meio deste curso? Tratando-se de assunto psicológico existirá de um lado uma perfeição moral, psicológica, subjetiva, e do outro uma perfeição intelectual e científica.

Do ponto de vista psicológico quando dizemos que desejamos um auto-conhecimento (nome genérico que damos a algo que, no entanto, sabemos não ser genérico) já sabemos precisamente o que desejaríamos auto-conhecer por saber o que é obscuro em nós. Esta é a primeira coisa: o conhecimento da psicologia sob a forma da astrocaracterologia vai nos preencher, nos completar psicologicamente em que aspecto? Sabemos quais são nossas deficiências, sabemos o que nos falta. Portanto podemos julgar cada tópico que nos seja ensinado à luz desse nosso objetivo. Se nós sabemos que desejamos adquirir tal ou qual qualidade que nos falta e sabemos que um curso de astrocaracterologia pode nos dar isto, cabe a nós utilizá-lo para aquela finalidade. Mas sempre que nós mobilizarmos o que nos foi ensinado na aula para atendermos a nossa finalidade, certamente estaremos assimilando o conhecimento, apesar de que há alguns tópicos no curso que são mais facilmente dirigíveis no sentido do interesse pessoal do aluno do que outros. Por exemplo, a caracterologia de Le Senne tem uma aplicação imediata ao conhecimento de si mesmo. Conhecer esta caracterologia já é automaticamente se enquadrar num dos tipos psicológicos ali descritos e encontrar nesse perfil a definição e a explicação de alguns comportamentos nossos.

-

- * Vemos que a nossa época não favorece a inteligência e, no entanto, nunca foi tão necessário homens inteligentes, principalmente no Brasil. Em todos os setores, vê-se o império da incompetência. E não adianta apenas falarmos mal sem sabermos analisar o caso, sem saber nos orientar e aos outros, sem saber fazer um crítica construtiva. Precisamos urgentemente de gente inteligente, sincera e honesta. Sem isso não dá para fazer nada e assim o país irá de mal a pior.

O nosso domínio é pequeno, é o domínio desse meio astropsicológico - e este meio é o reino da incompetência. Teremos chance de torná-lo melhor. A influência da astrologia no mundo é dia-a-dia cada vez maior, daí que a importância do nosso estudo seja imensa.

Existem idéias que, às vezes, gostamos porque parecem nos defender do mundo exterior.

Mas estas são pseudo-defesas, não são guardas de castelo, mas guardas que prendem cada um no castelo. Quando você tenta sair, não consegue**. Tem certas convicções que aprisionam nossas mentes**.

Essa idéia de potencial é uma das coisas terríveis que andam por aí: o culto errôneo da liberdade: “e sou eu e quero ter minhas próprias opiniões”. Geralmente isto é dito num contexto onde o indivíduo pensa que basta dizer a primeira coisa que lhe passar pela cabeça. **Você pode ser livre para gritar sua opinião agora, mas, às vezes, não é livre para conservá-la até a semana seguinte porque a esquece**.

Liberdade é poder - o poder de ter suas próprias idéias, de examinar um assunto, dominar um certo setor do conhecimento e criar uma opinião razoável. Isto é liberdade.

O julgamento do aluno precisa ser libertado e essa é a função do professor - conseqüentemente, minha também - a de tornar o aluno capaz de julgamento livre. Para se fazer isso, deve-se

tirar os obstáculos, convicções, falsos valores, inibições por problemas psicológicos - e essa deve ser nossa tentativa.

O esquema que foi dado até aqui é extremamente simples. Todos entendem, mas entender é uma coisa e aprender é outra. Para aprender é preciso ver a força libertadora que isso tem para você e que você deseja alcançar esse resultado.

Um dos traços psicológicos que você deve desejar adquirir é o desejo de um julgamento livre e suficiente: desejo me tornar capaz de julgar por mim mesmo e adquirir a distinção da certeza, da probabilidade e da opinião.

A hora que eu souber que uma opinião é certa no sentido absoluto, não vou perder mais tempo, não vou ficar em dúvida quando alguém levantar uma dúvida qualquer. Aquilo que eu já sei, eu já sei. Reconhecer o que se sabe é o princípio da honestidade. Saber que sei o que sei, a autoconsciência de que sei, é fundamental. Se eu não sei o que sei, como saberei o que fiz ou que não fiz? Só você pode ter a certeza de que em certo momento agiu assim ou assado. Se você não tiver essa certeza, todo o seu mundo cognitivo desaba. A honestidade para consigo próprio é condição primeira da vida intelectual. Devo contar para mim mesmo, com toda honestidade, o que eu fiz ou o que eu pensei, mesmo que minta a todos.

Quando agimos, temos que ter certeza absoluta que agimos. O protótipo da certeza absoluta não é a certeza matemática - esta é uma certeza meramente lógica. Quando a pessoa se neurotiza é porque sua memória confundiu-se. Ela já contou para si mesma outra estória, já confundiu sua biografia, embaralhou os dados. Assim, a pessoa fica com um sentimento vago de tudo, até a matemática fica incerta.

Para corrigir isso, devemos contar a história direito. Antigamente, a confissão na Igreja Católica era exatamente isso: um exame de consciência, contar a estória toda sobre os atos do dia.

A escola platônica tinha o preceito de recordar à noite tudo que se fez no dia.

Proponho a vocês que contem sua vida para si mesmo de vez em quando.

A psicanálise é isso: recordar a vida do indivíduo.

A memória é mãe do aprendizado. Temos que ser fiéis à memória desenvolvendo o amor filial também, o reconhecimento de que certas coisas foram feitas em seu benefício. Lembrar o passado, carregar a memória, a constelação de todos os momentos, contar a vida toda e conhecê- la como um todo.

Uma vida é algo que se desenrola no tempo, é como a arte do romance. Inventar uma história que é a sua e desenvolvê-la aos poucos conforme os dados que você recebe do mundo exterior, mantendo a harmonia e a beleza do conjunto. O autor da história é você. Apenas os materiais são dados pelo mundo exterior. Isto é a verdadeira sabedoria: fazer isso a si mesmo.

As certezas lógicas não são suficientes para desenvolver o senso da certeza em nós. A maior parte das pessoas não tem este senso da certeza. Para desenvolvê-lo, basta contar para si mesmo a história tal como ela realmente aconteceu. Assim você vai entendendo e verificando as certezas e as dúvidas. A primeira firmeza que se adquire é saber o que você fez e quem você é.

Assim você adquire o sentido da certeza do que você não sabe. É através do que sei que percebo o que não sei.

Para descrever e lidar com o caráter alheio é preciso conhecer o próprio caráter, tal como ele realmente é.

Todo fato é uma mudança. Como você pode conservar o senso da unidade de sua biografia, senão distinguindo o que mudou, e, sobretudo, se você desejou estas mudanças ou não.

Muitas vezes, nós mudamos sem querermos a mudança. Foi acontecendo: eu queria A e fiz B. O que fazer agora? Podemos inventar uma racionalização que justifique ter feito B? Vir com aquela estória de que, afinal, foi bom para o meu aprendizado. Isso é covardia. Havia uma quantidade de necessidade causal e uma quantidade de liberdade e você, combinando as duas, decidiu fazer o que fez.

Parte II

Se eu explico tudo pela metafísica (tal coisa tinha de acontecer, eu tinha de passar por isto), nunca sou responsável por nada. O sujeito que diz “eu quero ser livre, tenho opinião própria” e, cinco minutos depois, está dizendo “eu tinha de passar por isto”, é extremamente contraditório.

Se as etapas de sua vida são fatalidades com as quais você tem necessariamente que passar, então já está tudo programado e não tem sentido você ter opinião livre. Isto são elementos da ideologia que circula por aí, ideologia semi-ocultista, semi-oriental. Nós teremos que cortar tudo isso ou não iremos aprender nunca. É mais fácil pensarmos que tudo são fatalidades. É muito mais difícil dizer “cometi o erro porque julguei errado, acreditei no que não devia, eu menti para mim”. Mas é só assim que se corrige e, sobretudo, se adquire o senso do que é verdadeiro. Sem este senso desenvolvido no mais alto grau ninguém vai para frente em nenhum estudo sério - e este é um estudo sério. Aqui não devem se comportar como se fossem alunos de ginásio, que têm de fazer o exame para satisfazer a uma exigência externa, para se adaptar, estar em paz consigo mesmo e sair-se bem.

Queiram uma transformação efetiva. A primeira transformação tem de ser “eu tenho de ser capaz de saber a verdade e de engoli-la, mesmo não gostando dela”. Tem verdades que não engolimos por serem feias demais e outras porque são bonitas demais.

Tornar-se apto para a verdade é o objetivo número um. A verdade não é uma mensagem secreta. Engolir uma verdade pronta é fácil, o difícil é você mesmo extrair a verdade daquilo que está vendo e vivenciando. Mas isto é ter opinião própria, julgamento livre. Se você quer desenvolver este tipo de qualidade então está no lugar certo. Eu estou menos interessado em que você adquira esta ou aquela opinião do que em você se tornar capaz de ter opinião.

Este curso vai lidar com seres humanos e o que se vê hoje na astrologia é um desastre: pessoas ignorantes, mal desenvolvidas, neuróticas, infantis, fazendo regras que vão determinar rumos na vida de pessoas.

Fui eu que comecei com esta história de astrologia e não estou suportando os resultados.

Reconheço que, há quinze anos, fui um entusiasta ingênuo. Hoje tenho de tomar uma providência, não posso achar simplesmente que fiz o que pude, que sou responsável. Se ainda puder consertar e se vocês me ajudarem, isto tomará um futuro brilhante.

Qualquer opinião pode ser defensável mas, em primeiro lugar, preciso saber se você a tem realmente, se está mesmo convicto, se tem razões para pensar assim ou se foi simplesmente uma frase que você inventou na hora para brilhar na classe ou por espírito de polêmica. Isto eu não tolero. A pessoa pode vir aqui e defender o maior absurdo se foi sinceramente pensado, com sincera vontade de descobrir a verdade e intelectualmente responsável. Eu não vi nenhum grande homem que alguma vez não defendesse algum ponto-de-vista absurdo. O que quero de vocês é que se tornem capazes de defender perante vocês mesmos seus pontos-de-vista,

não perante mim, serem capazes de acreditar realmente no que estão pensando.

O homem não pode acreditar no fatalismo se, ao mesmo tempo, acredita na liberdade de opinião. No entanto, todo mundo crê nessas duas coisas - acredita no karma e na liberdade de opinião.

O povo português conquistou um império como jamais houve outro igual. Cem anos depois não tinha mais nada. “A vida que poderia ter sido e não foi”, este é o verso mais profundo da história da literatura brasileira e portuguesa. É a definição da nossa história. Temos de mudar isto para “a vida que poderá ser e que vai ser de qualquer jeito, queiram ou não”. É assim que tem que ser. Vocês estão precisando de injeção de voluntarismo - a virtude típica dos povos anglo- saxonicos - tem de ser e vai ser, vamos fazer e está acabado. Temos de juntar um pouco de voluntarismo anglo-saxão com o universalismo português.

Vamos debater os problemas surgidos nas provas.

Não tive motivação para estudar. Tive uma vontade de conhecer, mas um interesse superficial e pensei que poderia lidar com o curso e com o professor assim superficialmente.

De jeito algum. Tem muitas coisas que se pode aprender perifericamente mas o que diz respeito à alma humana, por definição, não. Como este é um estudo filosófico, existe um jogo intelectual para treinar e elementos psicoterápicos sérios.

Aqui a regra do conhecimento é uma só: conhecimento significa sinceridade total, profunda e permanente. O homem totalmente sincero tem a segurança de que se ele errar tudo, em algo ele continuará acertando - na sinceridade. Esta é a primeira virtude - a virtude intelectual por excelência. A capacidade lógica, a imaginação, tudo isso são apenas forças que você coloca à disposição do seu trabalho. Mas se o homem não é sincero, toda a sua obra intelectual vem abaixo. Um exemplo clássico é o famoso

historiador de religião Ernest Renan: um erudito, aprendia línguas em um mês, sabia tudo. Tinha o gênio da palavra e escreveu uma obra sobre a história do cristianismo que, na época, fez muito sucesso. Duas gerações depois ninguém mais levava a sério uma palavra do que ele escreveu. As pessoas riam da obra dele porque ele não acreditava numa palavra do que falava. Buscava apenas a verossimilhança, parecer verdadeiro.

Isto é uma tragédia intelectual. Ele era um homem de muito gênio mas faltou-lhe um elemento: o amor à verdade.

Não se iludam com o seu gênio. **O problema central da aprendizagem é um problema ético. Se você não ama a verdade, não ama nada. Quem ama a fantasia, ama o nada.**

Temos que amar a verdade como ela é, bonita ou feia, daí ela te ajuda**.**

As pessoas dizem que estão em busca da verdade, a verdade final, total e absoluta, que vai responder a todas as perguntas. Esta certamente deve ser difícil e eu não faço idéia do que ela seja. Mas cada verdade pequena que você adquire, ela é toda a verdade. Uma coisa não pode ser verdade pelo meio.

Comecei a perceber que tudo o que li sobre astrologia não estava funcionando na prática. Mas eu não tenho certeza da verdade.

Então você descobriu uma verdade. Você tem certeza de que estes conhecimentos são incertos. Lamentavelmente, é uma certeza negativa - a famosa certeza de Sócrates: “Eu só sei que nada sei”. Mas pelo menos nisto você está seguro. Agora, quando Sócrates dizia que nada sabia, isto queria dizer, de fato, que sabia nada? Certamente não. Se eu digo que sei que nada sei, então eu sei algo. Sócrates tinha uma certeza fundamental e um monte de dúvidas sobre tudo mais.

Vamos começar a ter certezas sobre coisas pequenas, e sobre pequenas coisas da nossa própria experiência. **As pessoas querem ter certeza sobre coisas mais gerais e mais elevadas, antes de ter certeza sobre as coisas da sua própria vida**. As grandes leis da biologia são incertas, porém, a anatomia do camarão é certa. Isto é uma coisinha de nada. A cadeira é pequenininha mas nela sento eu. É assim que se adquire firmeza. Cada pequena coisa que você sabe tem de saber bem. E é isto que estou tentando transmitir para vocês. Se nada sei sobre astrologia, eu sei que passei por lá, vi um monte de coisas e constatei que nada funciona.

Então você já tem uma certeza, embora certeza negativa e você sabe isto porque é algo de sua experiência. Vamos partir desta experiência real e dela ir tirando, pouco a pouco, coisas mais elevadas e mais valiosas.

Quando entro nessas considerações metodológicas, estou mostrando por que estas coisas em que você ficou em dúvida são coisas duvidosas mesmo. Você ficou em dúvida por uma experiência pessoal, porque a lógica a confirma. E quando a lógica confirma a experiência, nós temos a ciência, embora seja com um conhecimento negativo, destrutivo. Ou seja, se derrubamos um falso conhecimento, tanto pela nossa experiência quanto pela base lógica, este não se levanta mais, está morto. **Uma mentira a menos é uma possibilidade a mais**.

No terceiro ano colegial cheguei a conclusão de que não tinha entendido nada e, como todo mundo, colei nas últimas provas. Nem tive a vontade de decorar. Não achei que isto estava errado porque ninguém tinha me dado certeza de nada, certeza de que eu estava fazendo certo.

Isto é certeza moral, você agiu assim porque, em nenhum momento, colocou em dúvida a moralidade de seu procedimento. Certeza é uma coisa, sentimento de certeza é outra. Podemos ter

sentimento de certeza sobre qualquer coisa de que estejamos persuadidos, mas não é uma certeza intelectualmente relevante. Para saber se colar na prova é lícito ou ilícito, moral ou imoral, isto é um bicho de sete cabeças. Muitas vezes nós fazemos coisas perfeitamente ilícitas sem que a nossa consciência seja abalada. Não lembramos de examinar. E isto é um sentimento subjetivo de certeza, mas não certeza suficiente. O fato de eu querer fazer certa coisa e o fato de não duvidar, não quer dizer que aquilo esteja certo realmente, nem errado, precisaria examinar a questão. Nós podemos, por exemplo, ver todas as vias de nossa vida onde agimos de maneira flagrantemente ilícita sem ter o menor problema de consciência. Nós vivemos fazendo isto, é um mecanismo de sobrevivência na selva. Que raio de ensino é este que leva o sujeito a colar na prova e que, no fim, ele cola e nem tem dúvida moral? É o ensino da perversão. Todo mundo está trapaceando e vou trapacear também, é o raciocínio subjacente. Porém quando você saiu disto, uns anos depois, e não está mais na necessidade de trapacear, então pode ser sincero consigo mesmo e dizer que aquilo era um bando de trapaceiros e você era mais um. Isto não é justificar. É simplesmente contar a estória. Eu também agi errado muitas vezes por seguir o costume, eu estava em minoria, estava fraco.

O ensino de critérios morais é a coisa mais difícil que existe. As situações morais não se repetem, são únicas. É dificílimo analisar moralmente qualquer coisa, por isso eu deixo entre parênteses as questões morais e insisto com os alunos a respeito da ética intelectual, a ética científica. Eu não sei se é certo buscar a mulher do vizinho. Mas no mundo do aprendizado, no mundo científico é certo ser sincero e ser rigoroso com os próprios pensamentos. Se você, com toda a sinceridade, munindo-se de todos os conhecimentos que precisa, estudou e chegou à conclusão de que é lícito, justo e necessário ir buscar a mulher do vizinho, poderão

acusá-lo de adúltero mas não de mentiroso. Eu só acredito numa verdade: no amor à verdade. As outras questões são muito relativas. Tem uma tribo no Brasil onde o adultério é consentido. Há um lugar na mata onde o fato é consumado, todo mundo sabe que os dois estão lá e ninguém vai atrapalhar. Quando voltam, o marido se fecha dentro da tenda com a esposa e finge que a está surrando. Dá-lhe uma surra simbólica e ela grita, e isto restaura a honra do casal. Isto lá é lícito.

Pode parecer uma maluquice, mas nesta base eles têm conservado sua estrutura social há milênios. Para julgar os casos morais precisa-se muita atenção, cuidado e tempo. Então, vamos deixá-los de lado. **Porém, vida intelectual sem a ética do amor à verdade, não existe**. Só isto já é um benefício que este curso pode fazer por cada um de vocês.

Amor à verdade, a cada verdade pequena, a cada verdade grande, isto seria uma das formas do amor a Deus. Deus é a verdade. Existem virtudes que certas civilizações consideravam defeitos e vice-versa, mas o amor à verdade não há quem considere errado. Você já viu alguém que dissesse que o falso é melhor que o verdadeiro? Acredito que com esta aula eu mexi nos pontos básicos que podem criar um mau aproveitamento no curso. Agora, caberá a vocês complementarem. Onde eu quero chegar e que transformação desejo passar - este é o primeiro ponto. O segundo é que este curso é para habilitar o indivíduo a investigar a verdade sobre esses tópicos e chegar a conclusões reais e valorosas. Se deseja isso, está no lugar certo, então assuma o que deseja. Isto já vai exercer uma ação “hormonal” na sua inteligência. O amor à verdade é um hormônio da inteligência.

Tudo o que falei aqui não excluem que as pessoas venham individualmente conversar comigo se sentirem que existe uma dificuldade pessoal a mais, que não se enquadra dentro da generalidade do que falei. Estou firmemente disposto a fazer de

vocês astrólogos que defendam a honra desta arte. Vocês têm uma imensa responsabilidade, pois vão dominar este assunto a tal ponto que nenhum astrólogo poderá fazer face a vocês. Em dois anos eu farei a minha parte e vocês estarão habilitados a praticar - não a dominar esta ciência. Saberão os seus limites, o que é para falar ou não, quando poderão dar um dado com certeza para o indivíduo e sustentá-lo e quando se trata de conjectura. Tem coisa na sua vida que é absolutamente certa - não tem como não ser - e tem outras que são conjecturas e você não pode oferecer todas ao cliente no mesmo plano. Todo o sistema de correção de horário são conjeturais. Um ponto mais grave ainda neste aspecto puramente técnico é o problema das órbitas: planetas que estão em posição dúbia não se interpreta.

Mas o cliente não pode sentir o que é ou não? A pessoa pode sentir e imaginar coisas incríveis a respeito de si mesma e estar perfeitamente persuadida disso. Quando estudarmos a faculdade da imaginação, vamos ver como é possível ao sujeito estar persuadido de alguma coisa, com a mesma convicção de que dois mais dois é quatro. **Da mesma maneira que nós temos a capacidade intelectiva de captar a verdade, nós temos uma capacidade fora do comum de mentir.** Em hipnose você induz alterações físicas na pessoa, encosta um dedo nela e diz que é um cigarro e a pele aparece queimada - veja o poder da imaginação sobre o corpo. Se a imaginação pode introduzir alterações físicas, quanto mais alterações de comportamento. Até onde vai a imaginação, quando é que ela está me persuadindo disto ou daquilo, quando está sob meu poder e quando eu estou sob seu poder - tudo isso temos de saber, é uma parte muito grave e vamos estudá-la mais adiante.

Quando eu entrar mesmo na astrocaracterologia, vocês verão que esta coisa é grave. Por isso que estou cercando o terreno tão bem, não só no sentido metodológico, mas também no sentido ético.

A opinião pública está preparada para receber uma carga tão pesada assim? A pressão não será muito grande durante um certo tempo quando começarem a surgir estudos de mapas analisados pelo pessoal do curso? Eu espero que vocês estejam preparados, porque a opinião pública certamente não está.

Freud quando desembarcou nos Estados Unidos foi recebido por um monte de gente. Foram lá aplaudi-lo. Então, ele virou para seu assistente e disse “essa gente não sabe que viemos lhes trazer a peste”. Ele sabia o quanto era grave o que estava falando e sabia que se caísse nas mãos de pessoas ignorantes daria um rolo tremendo - como de fato deu. Ele fez o que pode para manter este conhecimento num nível responsável, mas não pode impedir que as pessoas comprassem seus livros. Podia impedir que praticassem a psicanálise; porém, depois de sua morte, nem isso.

Vocês tem o compromisso comigo de conhecer a astrocaracterologia - vocês eu posso fiscalizar, saber se sabem ou não. Mas aos próximos, caberá a vocês fiscalizarem. Certamente isso aqui vai crescer, como cresceu a astrologia: ela seguiu um processo semelhante ao nosso, que é o de ensinar umas quatro pessoas, cada uma dessas outras quatro e assim por diante. Só que foi um processo descontrolado. Ao lançar a astrocaracterologia, estou querendo um pouco mais de controle para que não dê resultados tão perversos, ao menos em pouco tempo. A astrologia foi realmente uma perda. Se vocês lerem os manifestos que foram emitidos nos primeiros congressos de astrologia, verão que coisa séria que se estava propondo. Mas se propôs uma coisa séria sem nenhum mecanismo de controle. Por isto eu vou ensinar vocês a cobrarem e, durante algum tempo, vou fiscalizar o exercício profissional até terem uma margem razoável, como aliás qualquer escola deveria fazer. Em grande parte isto depende de vocês mesmos, do que vocês vão fazer com o que estão aprendendo. Não acredito que exista técnica diagnostica melhor que esta.

Ela ganha de longe do teste de Szondi e da caracterologia de Le Senne e, justamente por isso, é um grande poder. E quando temos um poder, ele deve servir, em primeiro lugar, para dar-nos segurança subjetiva, segurança de que estamos na verdade ou, pelo menos, no caminho da verdade. Podemos usar o poder simplesmente para influenciarmos a cabeça das pessoas, sem saber no que vai dar. Mas isto aqui não foi feito para tal uso.

Mais tarde, vocês verão os usos e as aplicações desta astrocaracterologia em todos os domínios, para o que ela serve e para o que não serve.

Você tem certeza quando diz isso porque está amparado na sua própria experiência? Sem sombra de dúvida. Cada coisa falada aqui já é dada com a devida graduação: o que é certo, o que é provável, etc..

A amostragem que você tem é suficiente? Sim, e não é só questão de amostragem, não é só uma certeza estatística. Ela é estatística por um lado e certeza lógica por outro. Por isto eu digo que é ciência: quando a dedução combina com a indução. Mas para que esta dedução fique clara e a indução seja significativamente é preciso delimitar o território, caso contrário serão estatísticas sobre o nada.

Você vai ensinar também o pulo do gato? Mas este é o pulo do gato. Este curso será fundamentalmente técnico. Mas como eu posso dar a técnica se não delimito precisamente a definição do caráter na astrocaracterologia? Esta é parte mais difícil. Se você não sabe onde está o caráter, você irá aplicar a técnica em outras direções, onde isto não dará resultados. É preciso saber não só usar a arma mas onde está o alvo.

Acho que isto serviu pelo menos para dar uma injeção em vocês. A repetição é absolutamente indispensável.

1 Esse texto é transcrição da aula 16-A do curso de Astrocaracterologia, ministrada em 14 de julho de 1990 e transcrita por José Carlos Ferreira. O título foi dado por alunos de Olavo de Carvalho, que desde então se referem a esse texto como a Aula da Vontade. Sem revisão do professor.